



de joelhos; sequência 8, com o homem deitado no chão de falo erguido e a mulher arqueada por cima preparando-se para a junção). A sequência 9 representaria, para Antelme e Rossini, o coito anal, enquanto as cenas de exaustão se patenteiam na sequência 6 (um homem debaixo da cama a ser reanimado pela mulher) e na sequência 7 (um homem de falo pendente levado em braços por três damas).

Segue-se a breve Conclusão de uma só página (p. 207), onde se exalta a deusa Hathor nos seus muitos e variados epítetos como «l'énergie sous-jacente et omniprésente de l'histoire de l'Égypte depuis ses lointains débuts jusqu'à la fin».

Uma cronologia simplificada ocupa as pp. 209-210, dividindo-se a secção final de Glossários em nomes de divindades (pp. 211-224), nomes de lugares (pp. 225-227), e nomes comuns (pp. 228-231), após o que nos é oferecida uma lista de termos relativos ao amor e à sexualidade (pp. 233-249).

O volume termina com as notas (pp. 251-265), a bibliografia (pp. 267-270) e o índice remissivo (pp. 271-277), fechando-se com o sumário (pp. 279-281).

**Luís Manuel de Araújo**

**ESTHER PONS MELLADO**, *La Explotación de los Metales en el Antiguo Egipto*, Cuadernos de Egiptología Mizar, 6, Barcelona, Librería Mizar, 2000, 81 pp.

O presente volume, mais um dos Cuadernos de Egiptología Mizar, dirigidos e dinamizados por Salvador Costa Llerda, trata de um tema que, à partida, não é muito «simpático» para os egiptólogos. E esta é uma razão para saudar o seu aparecimento, capaz de enriquecer o relativamente diminuto lote de obras consagradas aos aspectos técnicos e produtivos do Egipto faraónico.

A sua autora, Esther Pons, que há três anos concluiu a sua tese de doutoramento sob a orientação de Josep Padró, da Universidade de Barcelona, é conservadora do Ministério da Cultura no Museo Arqueológico Nacional, em Madrid, estando as suas actividades ligadas mais de perto à colecção de antiguidades egípcias. O título da sua tese, *Los Metales en el Egipto faraónico: medios de obtención, manufactura y valor religioso*, apresentada com êxito na Universidade de Barcelona, e que se mantém inédita, relaciona-se de perto com o texto agora impresso, dividido em quatro capítulos que o sucinto índice da p. V regista. Antes porém surge um texto de apresentação redigido por Josep

Padró, dando conta da importância que os faraós davam à aquisição de matérias primas metálicas (p. 1), e bem assim da importância da presente obra.

Na Introdução sublinha a Autora que um dos aspectos mais relevantes do antigo Egipto «fue sin lugar a dudas la explotación de los metales» dado que graças a eles o país do Nilo se pôde converter numa das grandes potências da Antiguidade. O problema é que os recursos do seu próprio território não lhe bastavam, pelo que o Egipto teve de sair para além das suas fronteiras para obter os recursos mineiros de que tanto precisava. O estudo aturado das regiões mineiras exploradas pelos antigos Egípcios ao longo de toda a época faraónica permite detectar quatro grandes áreas às quais correspondem os quatro capítulos em que a presente obra se divide: o deserto da península do Sinai; o deserto de Timna (que abrange territórios da parte sul da antiga Canaã); o deserto arábico; e o deserto da Núbia.

O cap. 1 (pp. 3-22) apresenta o deserto da península do Sinai, com relevo para três grandes distritos mineiros em Bir el-Nasb, Uadi Maghara e Serabit el-Khadim. A região forneceu expressivos vestígios da presença egípcia, patente em fragmentos de materiais (cinzéis de cobre, martelos, maços, restos de carvão vegetal, etc.), diversas construções e inscrições. Em Serabit el-Khadim (no mapa da p. 4 como «El Kadih») existe um templo consagrado à deusa Hathor descoberto em 1762 pelo viajante alemão Carsten Niebuhr (e não Neibuh como aparece na p. 5)

Um aspecto que ressalta da busca intensa de minério para a actividade metalúrgica do país do Nilo é o da relação entre os egípcios e os habitantes do deserto, aqui apreciada logo desde a Época Tinita ao Primeiro Período Intermediário (pp. 6-8). Aliás essas relações nem sempre foram pacíficas e vários testemunhos certificam os confrontos ocorridos, em especial nos reinados de Semerkhet (I dinastia), Seneferu (IV dinastia), Sahuré (V dinastia) e Pepi I (VI dinastia), entre outros. Deve-se a Seneferu a abertura de várias minas no Sinai destinadas à exploração de cobre (p. 7), cuja extracção foi perturbada pelos acontecimentos políticos de finais do Império Antigo. As relações com o Sinai prosseguem e desenvolvem-se do Império Médio ao Império Novo (pp. 9-11), servindo como exemplo a área de Serabit el-Khadim que forneceu cerca de trinta inscrições datadas da XI dinastia. Também na XII dinastia se produziram inscrições nessa área, com a particularidade de serem de carácter menos belicoso. Uma dessas inscrições permite fazer uma ideia do número de homens envolvidos na acção pois regista que em determinado momento do reinado de Amenemhat III uma expedição mineira incluía «120 egípcios, 20 homens do Retenu, 20 barqueiros, 14 carpinteiros».

O final do Império Médio quebrou o ímpeto da presença egípcia no Sinai, a qual se reatou com o Império Novo, com a abertura de novas minas de cobre e turquesa, e a utilização de trabalhadores cananeus os quais, tal como os trabalhadores egípcios, também veneram Hathor, transformada em divindade local como «senhora das turquesas».

Analisa-se depois a exploração mineira a partir das duas primeiras dinastias até ao Primeiro Período Intermediário (pp. 11-14), servindo-se os operários de instrumentos de sílex mas também de metal nos seus trabalhos de perfuração da rocha, e do Império Médio ao Império Novo (pp. 14-22), com o incremento da obtenção de malaquite. A descoberta mais notável entre o espólio recolhido em Serabit el-Khadim foi um grupo de inscrições a que se dá o nome de proto-sinaíticas, uma mistura de «caracteres egípcios y semíticos que mostraban una vez más la relación egipcio-semita durante el período faraónico». Deve-se a Jaroslav Cerny e a Alan Gradiner a publicação desses importantes dados que estão na base da invenção do alfabeto cananaico (com grande divulgação fenícia).

Os centros mineiros do deserto de Timna constituem o tema do cap. 2 (pp. 23-27), afirmando a Autora que a documentação existente prova que a região esteve ocupada pelo Egipto desde o Império Novo até, pelo menos, finais da XXI dinastia. Trata-se de uma região desértica que corresponde aproximadamente ao actual deserto do Négueb, zona sul de Canaã e de Edom (segundo a Autora, «antigua Palestina, hoy Israel»), onde na fase do Império Novo erravam os beduínos Chasu («Corredores da areia»). Até hoje foram já descobertas mais de trezentas minas de reduzido tamanho, algumas com um complexo sistemas de galerias. Tal como no Sinai, também aqui se encontraram vestígios da presença de trabalhadores semitas e diversos materiais ligados à extracção mineira. Algumas das peças encontradas exibem nomes de faraós do Império Novo. E ainda a exemplo do Sinai, também em Timna se achou um templo dedicado à deusa Hathor. Foram ainda exumados vários objectos de ferro tendo-se inicialmente pensado que haviam sido trazidos pelos egípcios, mas não: análises efectuadas em Oxford mostraram que tais peças resultaram de fundição realizada no próprio local.

O cap. 3 é dedicado ao deserto arábico (pp. 29-41), começando com a análise do período que vai desde a I dinastia ao Primeiro Período Intermediário. Várias inscrições encontradas no local levaram os investigadores (a começar por Georges Goyon) a perceber o sistema de exploração mineira e as escavações permitiram diferenciar dois tipos de minas desta época no deserto arábico: as que foram criadas a céu aberto e as que foram rasgadas no subsolo com numerosas galerias. Também foram achadas algumas construções usadas pelos operários e diversos fragmentos de materiais. O período histórico situado entre o

Império Médio e a Época Baixa forneceu mais dados, desde a inscrição de Mentuhotep II (XI dinastia) registando uma expedição ao Uadi Hammamat com o impressionante número de 10000 homens, superada por uma outra do Império Médio que integrou 17000 homens para abrir e explorar uma nova mina de ouro. No Império Novo prosseguiu o envio de expedições e quer nas minas quer nas habitações dos trabalhadores se encontraram várias estelas e inscrições na rocha que registam o nome de diversos monarcas (entre eles os de Tutmés III, Amen-hotep III, Akhenaton, Horemheb e Ramsés II). Em certas inscrições nota-se bem a preocupação pela instalação de poços de água para as caravanas e para os operários em laboração. Ao longo da Época Baixa a documentação referente à exploração mineira do deserto arábico vai rareando.

O cap. 4 trata da exploração mineira no deserto da Núbia (pp. 43-70), analisando as duas regiões núbias tradicionais de Uauat (a Baixa Núbia, entre a primeira e a segunda catarata, e Kuch (a Alta Núbia, entre a segunda e a quarta catarata). A Autora beneficiou para a redacção deste capítulo das descobertas realizadas nos dois últimos séculos na Núbia que proporcionaram muitas inscrições, estelas, construções arquitectónicas, utensílios de trabalho relacionados com a exploração mineira, restos de cerâmica, etc. Nem sempre foram pacíficas as relações entre egípcios e núbios, estando a presença egípcia afirmada na região graças a um conjunto de fortalezas erigidas sobretudo no Império Médio e Império Novo. Os vestígios do Império Antigo são mais escassos, mas ainda assim demonstram que o interesse dos faraós pelas minas e outros recursos da Núbia remontava ao início da longa história do Egipto. A presença egípcia assinala-se também com a edificação de templos e santuários entre a primeira e a quarta catarata (Guebel Barkal ou Djebel Barkal), podendo a progressão para sul ter atingido a quinta catarata.

Nas «Consideraciones finales» (pp. 71-72) a Autora regista a importância que para o Egipto tinha a organização de expedições aos centros mineiros da periferia (Sinai, deserto arábico e Núbia), as quais podiam atingir 10000 homens ou mais, e a própria instalação de equipas de extracção e policiamento nos locais visados. Não havendo qualquer vestígio de expedições feitas por «iniciativa particular» conclui-se que elas foram sempre «monopólio do Estado», assegurando os monarcas desta forma o controlo dos metais e o abastecimento do Egipto. A obra, enriquecida por diversas gravuras e mapas (infelizmente com alguns nomes erradamente escritos), conclui-se com a Bibliografia (pp. 73-81), bem recheada de títulos relacionados com a temática aqui tratada.

***Luís Manuel de Araújo***